

Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo

Eduardo David Ndombele*

ORCID iD 0000-0002-5832-6391

Makikadila Afonso**

ORCID iD 0000-0001-9260-6074

Resumo (português): O presente artigo faz uma abordagem sobre atribuição do Nome na Tradição Oral (Literatura Tradicional) no contexto do grupo étnico dos bakongo. É óbvio que o nome como parte constitutivo, completa a pessoa, pois explica a sua interioridade, e faz parte da personalidade. Procuramos nesta reflexão questionar o seguinte: O que está na base da rejeição e desprezo do uso dos nomes africanos na sociedade contemporânea? O presente estudo visa Analisar as causas da invasão e desprezo dos nomes que representam a nossa identidade cultural. A nossa abordagem metodológica assenta no paradigma qualitativo, tendo como estratégia de investigação o estudo de caso de cariz interpretativo que consiste numa descrição pormenorizada do caso estudado. Entretanto o estudo concluiu que o **nome** é um elemento notório de identificação do indivíduo. Por isso, ao atribuímos o nome devemos em primeiro lugar, refletir os padrões normativos de cada povo ou cultura.

Palavras-chave: Nome; Tradição; Identidade; Cultura.

Réflexion sur l'utilisation et la dénomination de la culture Bakongo

Résumé (français): Cet article aborde la dénomination de la tradition orale (littérature traditionnelle) dans le contexte du groupe ethnique Bakongo. Il est évident que le nom en tant que partie constitutive, complète la personne, car il explique son intériorité, et fait partie de la personnalité. Dans cette réflexion, nous essayons de remettre en question ce qui suit: Quelle est la base du rejet et du mépris du l'utilisation des noms africains dans la société contemporaine? La présente étude vise à analyser les causes de l'invasion et du mépris des noms qui représentent notre identité culturelle. Notre approche méthodologique est basée sur le paradigme qualitatif, ayant comme stratégie d'enquête l'étude de cas interprétative qui consiste en une description détaillée du cas étudié. Cependant, l'étude a conclu que le nom est un élément notoire d'identification de l'individu. Par conséquent, lors de l'attribution du nom, nous devons, en premier lieu, refléter les normes normatives de chaque peuple ou culture.

Mots clés: Nom; Tradition; Identité; Culture.

Lukufi (kikongo): O kanda wau, uta vovela o matadidi e nvaninu a kumbu muna nkadilu ye kinkulo kia bakongo. Dina dia kieleka vo e nkumbu i kima ki lungisanga o muntu, kadi di sasilanga kina tuna kiau muna kimuntu kieto. Tozolele muna lutangu lualu: Nki kina muna sina a ntininu ye luvuezo za nkumbu zeto za kinsi mu tandu kiaki? Tozolele fimpa, zaya ye fiaudisa e nguindo zeto ye tona e kuma kia nvuezo a nkumbo zi muesanga ye zaikisa e nkadilu ye kinkulo kieto. E nzila tulandila muna sala e salu kiaki, lufimpo lwa diambo, ye tona o ntu a diambo una muna sina ekiaki, ye zaikisa e kuma kia a ntininu ye luvuezo za nkumbu zeto za kinsi mu tandu kiaki

* Professor há mais de 19 anos desde o Instituto Médio Agrário do Tchivinguiro na Huíla, passando pela Escola de Formação de Professores Comandante Liberdade no Lubango. É actualmente Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge. Chefe do Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas. Doutorando em Inovação Educativa pela Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Educação e Comunicação de Nampula.). Email: eduardondombele422@gmail.com

** Professor de Língua Portuguesa nas escolas do Ensino Geral, Licenciado em Ciências da Educação pelo ISCED/Uíge. Email: makikadilaafonso10@gmail.com

Ntu a-diambo: Nkumbu; Nkadilu; ye Nkinkulo

Introdução

Pretende-se, com este trabalho, proceder uma reflexão sobre a atribuição do nome na tradição oral ou na literatura tradicional. Assim, analisar e explicar pontos fundamentais relacionados a atribuição do nome, seu significado, sua origem e dos factores relacionados à atribuição do nome na tradição oral. Essa análise vai permitir-nos em primeiro lugar, perceber a importância de atribuição do nome e o significado cultural que reveste na tradição oral.

Nos últimos tempos observamos o desaparecimento da identidade cultural e o seu vilipêndio ao reboque dos ventos da globalização fundamentalmente na camada juvenil, esquecendo-se de que cada povo ou sociedade em qualquer canto do mundo tem a sua história, seus hábitos e costumes que os distinguem das demais sociedades. Por isso pretendemos analisar as causas da invasão e desprezo dos nomes que representam a nossa identidade cultural.

Os nomes das pessoas, tais como: **MAMPAXI, MAYAMONA, MAKIKADILA, DYANZEYE, MENGI, DIMONIKA, KIBONGE, LUZAYADYO** e outros, têm os seus respectivos significados. Os nomes de sítios ou lugares (topónimos), também têm a sua significação ou explicação. Todos nós sabemos que a nossa identidade é tão rica e, aqui devemos ter em conta que para além da cultura ancestral, também da cultura adquirida que veio desde colonização até outros povos que aqui passaram. Hoje a escola ou o sistema de ensino-aprendizagem influencia o dinamismo cultural, muitas vezes criando alterações, quer a nível gráfico, quer a nível fonológico, como a nível semântico que vão agredindo e fustigando a nossa cultura, sobretudo a identidade cultural ancestral. É o caso dos nomes próprios como nomes de pessoas, de localidades ou de animais.

Pretendemos com este artigo compreender as causas do fenómeno de desprezo dos nomes que representam a nossa identidade cultural. Neste âmbito delimitamos o artigo no contexto angolano fazendo reflexão sobre atribuição do nome na região do Uíge.

Bakongo é um grupo etnolinguístico bantu localizado no norte de Angola, nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge. Cujas línguas são kikongo. Este grupo subdivide-se em Basikongo, Bandongo, Zombo, Nsoso, Suku, Bayombe, Yaka, Woyo, Pombo, Hungu entre outros. A sua actividade principal é a agricultura que tem vindo a conhecer mudanças depois da conquista da paz em Angola, em 2002 passando para uma

mecanização gradual, pois antes, esta era realizada de forma rudimentar ,utilizando catanas, enxadas, machados e outros instrumentos.

1 O nome

Antes de falarmos de nome na perspectiva em que desejamos falar deste assunto, recorreremos à gramática sobre as classes de palavras, pois o nome faz parte de um conjunto de classes de palavras. Referindo-se à terminologia da gramática tradicional, Quivuna (2016,) esclarece que o **nome** mais tradicionalmente substantivo como uma palavra que designa pessoas coisas ou animais, ações, qualidade ou estados. Nesta visão podemos deduzir que o nome é uma palavra com que designamos os seres em geral. Na perspectiva cultural, na qual desejamos abordar sobre este assunto, o **nome** é o símbolo identitário que representa o indivíduo. Por outro lado, o **nome** pode ser entendido como termo linguístico que se usa para designar as coisas que existem.

O nome é um produto sócio histórico e social, associado a uma determinada língua que transporta uma carga cultural partilhada por determinada sociedade e com uma memória cultural de sociedade linguística. Raul considera que o nome é “como parte constitutivo, completa a pessoa, pois explica a natureza própria do ser individuo, assim mostrando a realidade e descobre a sua interioridade. É um distintivo, segue a alma sensitiva” (RAUL, 2006, p.268). A propósito do manifesto do nome como símbolo identitário que representa o indivíduo pode ser observado no excerto da citação abaixo descrito:

O nome encera alguma coisa da essência pessoal, até identificar o nome e ser. O nome faz parte da personalidade, revela o ser da pessoa situando o homem no grupo; é denominação que permite reconhecê-lo, o sinal da sua situação, da sua origem, da sua actividade, das suas relações com os outros (ALTUNA, 2006, p. 268).

Recordando o que já referimos atrás que o nome é o termo linguístico no qual utilizamos para designar as coisas que existem. Ao referirmos da existência das coisas, não se trata apenas da existência física, mas também se trata de uma existência fictícia das mesmas, como é o caso dos nomes **NGONGUDINGA** e **KAM'POTU**. Estes são nomes atribuídos à personagens fictícias (fantasmas) que actuam nas regiões de Buengas, Milunga, Sanza Pombo e Kimbele, na província do Uíge, esses nomes geralmente são usados para amedrontar crianças quanto elas choram. O nome

representa o estatuto social que o indivíduo detenha dentro de uma comunidade ou ainda representa os poderes espirituais que o indivíduo possui.

Em muitos aspectos, os conceitos foram transformados pela ideologia colonial para não só justificar e legitimar a presença exploradora e dominadora europeia em África, mas para fazer do africano, “o negro” um ser inferior que não tinha uma língua, que não era membro de um grupo sociolinguístico, que não era civilizado, que não tinha uma cultura, que não tinha o nome e tudo quanto tinha, foi qualificado de tradicional e atrasado, e deveria ser combatido para desaparecer, o nome também não foi poupado. É que hoje em dia encontramos africanos particularmente a apoiar esta ideologia colonial, desprezando a sua cultura, a sua tradição e as suas origens.

Ao longo da nossa historia isto é na era colonial os seus nomes que representavam as nossas culturas e identidades foram substituídos por outros que não tem a ver com as nossas origens, a titulo de exemplo são os nomes dos reis: NZINGA-A-NKUVU, depois de batizado em 1491, na sua capital de MBANZA KONGO tendo adoptado o nome de D. João I do Kongo, a rainha NJINA MBANDE de que também foi solenemente baptizada na Sé de Luanda, tendo como padrinho o governador João Coreia de Sousa e como madrinha D. Ana, esposa do governador.

NJINGA recebeu o nome de Ana de Sousa. Ainda o nome da capital do Reino do KONGO tinha sido substituído por São Salvador do Kongo, Uíge para Carmona, Lubango para Sã de Bandeira só para citar. Com esses constrangimentos provocados pela ocupação colonial tal como sublinha Kamabaya (2014) África perdeu a sua memória histórica, de tal modo que os seus filhos se dispersaram pelo mundo fora, e aqueles que permaneceram já não se lembram deste protagonismo histórico, muito menos que a sua civilização tenha feito algo de valor como contributo e avanços para a humanidade.

O nome pode ajudar-nos a compreender que antes da presença dos europeus em África, os nossos antepassados tinham tudo bem estruturado, definido e organizado bem como conhecimento da existência de Deus, devido algumas significações que os nomes carregam consigo, concluímos que eles tinham conhecimento da sua existência como é o caso de nomes MANZAMBI, MENAKWAMBI, NDOMBELE só para citar. Podemos notar que em alguns casos, os nomes remetem-nos a espiritualidades ancestrais e do poder.

2 Origem do nome

É do nosso conhecimento que, existe muita diversidade cultural no nosso país. Cada região ou localidade de Angola possui um conjunto de tradições, formas de agir, de pensar e de sentir típico de seu povo, que se foram acumulando ao longo dos tempos e transmitidos de geração em geração. Estas tradições têm a sua origem nos antepassados e estão ligadas as diversas atividades culturais de cada localidade. Tanto as localidades como as pessoas têm nomes próprios. Como podemos verificar por exemplo os nomes das localidades Kimafwani, Kiteca Panzo, Kizanzo, Lema, Buengas, Damba, Mbanza Kongo. Todavia, os nomes próprios (nomes das localidades, dos rios, das florestas, das montanhas, dos sítios históricos, das pessoas, de clãs ou tribos até mesmo dos fantasmas) têm origem e um significado.

É importante conhecer as causas que deram origem á população e ao nome de uma determinada localidade, o mesmo pode acontecer com um bairro ou com uma aldeia, cidade ou vila, floresta ou montanha, sítios históricos ou de fantasmas e de pessoas.

Portanto, é de salientar que os nomes próprios (topónimos, antropónimos) têm vida porque eles nascem, crescem, envelhecem e podem morrer senão se cuidar deles. É por esta razão que nos preocupamos em desenvolver este trabalho visto que os nomes próprios que estão relacionados com a nossa vida social, a nossa cultura, as nossas origens, a nossa história, estão cada vez mais esquecidos e desvalorizados. Os nomes próprios transmitem-se de pessoa para pessoa, de geração em geração, de mulher para mulher, de homem para homem.

3 A atribuição do nome

O nome é um direito revogado pela Lei nº 10/77, de 09 de Abril, com a alteração dada pela Lei nº 10/85, de 19 de Outubro, e pelo Código da Família. A composição do nome Artigo 130º no seu ponto 1- “o nome completo compor-se-á no máximo, de seis vocábulos gramaticais "simples, dos quais só dois podem corresponder ao nome próprio, e quatro a apelidos de família. 2- Os nomes devem ser portugueses ou, quando de origem estrangeira, traduzidos ou adaptados, graficamente, à língua portuguesa, e não devem suscitar justificadas dúvidas sobre o sexo do registrando, nem envolver referências de carácter político, nem confundir-se com mera denominações de fantasias, apelidos de família, nomes de uso vulgar na onomástica portuguesa. 3- São administrados os nomes

próprios estrangeiros, sob a forma originária, se o registrando for estrangeiro ou tiver outra nacionalidade além da portuguesa. 4- Os apelidos são escolhidos entre os pertencentes às famílias dos progenitores do registrando, devendo o último ser um dos apelidos usados pelo pai ou, na sua falta, um dos apelidos a cuja uso o pai tinha direito, ou pelo qual seja conhecida sua família”. (ELISEU et al., 2013, p.118).

Em Angola desde a chegada dos portugueses no período compreendido de 1482, os angolanos foram obrigados a aceitarem as imposições dos colonizadores. Uma delas é sobre atribuição de nomes provenientes das nossas línguas nacionais como podemos verificar no artigo 130º no seu ponto 2 da Lei acima referenciada que diz que os “ nomes devem ser portugueses ou, quando de origem estrangeira, traduzidos ou adaptados, graficamente, à língua portuguesa, e não devem suscitar justificadas dúvidas sobre o sexo do registrando, nem envolver referências de caráter político, nem confundir-se com mera denominações de fantasias, apelidos de família, nomes de uso vulgar na onomástica portuguesa”.

Esquecendo que os nomes na tradição oral são portadores de um significado cultural, tendo em conta as circunstâncias que estiveram na base da sua atribuição que pode ser de alegria, de tristeza ou que reflete o histórico da família. Na tradição africana os nomes das pessoas e os dados aos animais como os cães tiveram sempre um significado que invoca a história da família ou de indivíduo que suporta o nome.

Os nomes em alguns casos podem suportar algumas situações muitas vezes sociais, mas quase sempre implicados a história da família de quem suporta o nome. A atribuição de nomes na tradição oral é feita por vários motivos ou razões: origem do fundador do bairro, aldeia, clã ou tribo, por motivos de um conhecimento, um antepassado ou mesmo uma mortalidade.

4 Alterações a nível gráfico (escrita)

A escrita consiste na utilização de sinais (símbolos) para exprimir as ideias humanas. A grafia é uma tecnologia de comunicação, historicamente criada e desenvolvida na sociedade humana, com finalidade de registrar marcas em um suporte; escrever significa produzir um conjunto articulado de palavras com sentido próprio e que obedece a regras de cada sistema gráfico. O kikongo por exemplo é uma língua que apresenta um sistema gráfico próprio e obedece regras da grafia. O acento no sistema

gráfico desta língua não é representado, mas sim tónico, dependendo neste modo da tonalidade das sílabas.

O kikongo é uma língua tonal. Isto significa que o acento nesta língua nunca é gráfico, mas sim fónico. O acento tónico das palavras é localizado através do tom (alto/baixo). Embora estes tons sejam simbolizados pelos sinais (´) e (̀) respectivamente, isto não significa que sejam acentos agudos ou graves, pois não são grafados nas palavras (QUIVUNA, 2014 p. 87).

Nesta senda, apresentamos as alterações a nível gráfico observadas nos seguintes nomes:

- Massanga-** ao invés de Mansanga;
- Tango-** ao invés de Ntango;
- Coxe-** ao invés de Nkosi;
- Quibongue-** ao invés de Kibonge;
- Luzaidio-** ao invés de Luzaydyo;
- Pembele-** ao invés de Mpembele;
- Lussevicueno-** ao invés de Lusevikweno;
- Teca-** ao invés de Nteka;
- Dissengomoca-** ao invés de Disengomoka;
- Lundoloqui-** ao invés de Lundoloki;
- Lando-** ao invés de Nlando;
- Bala-** ao invés de Mbala
- Vuala-** ao invés de Nvwala;
- Vumbi-** ao invés de Nvumbi;
- Quembi-** ao invés de Nkembi;
- Fuca-** ao invés de M´fuka;
- Paca-** ao invés de Mpaka;
- Bengui-** ao invés de Mbengi
- Quifuando-** ao invés de kifwando;
- Zolamesso-** ao invés de Nzolamesu;
- Maiamba-** ao invés de Mayamba;
- Macaia-** ao invés de Makaya;
- Pemba-** ao invés de Mpemba
- Bumba-** ao invés de Mbumba;
- Quenda-** ao invés de Nkenda;

Dombele- ao invés de Ndombele

Maiamona- ao invés de Mayamona;

Gunza- ao invés de Ngunza;

Zage- ao invés de Nzasi;

Lombo- ao invés de Nlombu.

4.1 Alterações a nível fonológico

A fonologia é o ramo da linguística que se encarrega ao estudo do sistema sonoro de um idioma (língua), do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística humana. É uma área estritamente relacionada com fonética, mas cada uma delas tem uma área ou foco de estudo diferenciado. Enquanto a fonética se encarrega aos estudos de natureza física da produção e da percepção dos sons produzidos pela fala humana, a fonologia preocupa-se com a maneira como os sons são organizados dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados. É o que podemos observar nos exemplos acima representados.

4.2 Alterações a nível semântico

A semântica é o estudo do significado. Incide sobre a relação entre significantes, tais como: palavras, frases, sinais e símbolos, e o que eles representam, a sua denotação. Por outro lado, a semântica é o ramo da linguística que estuda o significado usado por seres humanos para se expressar através de uma língua.

Na cultura tradicional os nomes sejam eles de pessoas, de localidades ou outros trazem consigo um significado que identificam os seus portadores, como podemos observar nos seguintes exemplos:

Mansanga- que significa lágrimas. Tem sentido de sofredora.

Ntango- tem como significado de aviso (ar), alerta.

Nkosi- com o sentido de Leão. Homem capaz de solucionar ou resolver os seus problemas sem intervenção de outros.

Kibonge- com sentido de, não tirar algo alheio sem prévio autorização, ou seja, não apoderar-se de algo que não é seu.

Luzaydyo- significa recordar, reconhece.

Mpembele- significa purificação.

Lusevikweno- tem como significados podem rir-se de mim (é interjeição de dor).

Nteka- com um sentido de um ser que se transformou de um estado para o outro.

Disengomoka- com um sentido de descoberto, ou seja, o que estava sob guardado veio a tona.

Lundoloki- significa perdão.

Nlando- tem como significado do filho que nasceu depois de gémeos.

Mbala- que significa chefe, ou seja, nome atribuído ao líder de um acampamento de rito de iniciação cujo seu acto concretiza-se pela circuncisão.

Nvwala- com sentido de profeta, sábio, pessoa eloquente.

Nvumbi- significa cadáver, morto, defunto, falecido.

Nkembi- nome atribuído às gémeas de género feminino que nascem primeiro (mais velho).

M'fuka- significa dívida, com um sentido de que, quem deve, paga.

Mpaka- com sentido de dúvida, curral, capoeira.

Mbengi- significa pessoa discriminada, mal falada.

kifwando- com um sentido de escrutínio ou confiança privada de um grupo maior para menor na resolução de problema tradicional.

Nzolamesu- em kikongo este nome é um composto morfológico: **nzola** que significa amor + **mesu** que significa olhos; aglutinado fazem o nome **nzolamesu**, assim significando falso amigo que parece ser bom, no fundo não.

Mayamba- culturalmente tem como significado filha que nasce no momento do óbito.

Makaya- apesar de trazer-nos uma carga semântico de folha este nome tem como significado cultural de conduto, (carne).

Mpemba- com sentido de bênção.

Mbumba- tem como significado de segredos.

Nkenda- significa tristeza, lamentável.

Mayamona- significa o que vivemos a realidade é que podemos contar.

Ngunza - significa pastor, profeta.

Nzasi- significa faísca. Nome atribuído ao indivíduo circuncidado no longo (acampamento de rito de iniciação) que tem um comportamento de malandrice.

Nlombu- significa barrulhento (barrulho), confusão, discussão.

Os casos de antropónimos acima apresentados, os mesmos acontecem com os topónimos como podemos verificar nos exemplos abaixo representados:

Quiteca- ao invés de **Kinteka**;

Quimbala - ao invés de **Kimbala**;

Quibengui - ao invés de **Kimbengi**;

Quipemba - ao invés de **Kimpemba**;

Quizanzo - ao invés de **Kizanzo**;

Buenga - ao invés de **Mbwenga** (Rio Buenga).

A transformação que se verificam nos antropônimos e topônimos, condicionam “a terminologia toponímica é constituída pelo conjunto de termos que se caracterizam pelo significado ou sentido que lhe é dado pela Onomasiologia. Os termos deste grupo caracterizam-se pela sua univocidade ou monossemia o que confere estabilidade semântica e precisão ao vocabulário Onomasiológico. O seu significado “permanecerá o mesmo independentemente do contexto onde ele seja utilizado, assim sucedendo com todos os termos que são pertença exclusiva da terminologia Onomástica”. (MATOSO, 2003, p.198).

5. Fatores ligados à atribuição do nome na tradição oral

Em alguns casos, pode se notar que os nomes remetem-nos a espiritualidade ao poder ancestral, a mortalidade entre outros fatores ligados a vida social. Sejam eles bons ou não. Certas circunstâncias podem também determinar o nome: uma morte, um visitante ilustre um parto em circunstâncias invulgares. Com frequência dão ao menino o nome de antepassado, sobretudo se a sua concepção foi atribuída a seu favor, se lhe encontram alguma pareçença, ou se desejam manifestar a sua presença e estima. Consegue-se assim uma comunhão vital transformadora e vivificante (RAUL, 2006).

5.1 Fatores do nascimento

Quanto a atribuição do nome da criança na tradição oral, poderia ser determinado pelo momento de nascimento, as circunstâncias, a posição ao nascer, ordem em caso de gêmeos ou muitos filhos ao mesmo parto, são atribuídos nomes específicos para estes filhos.

Na literatura tradicional bakongo (tradição oral) aos gêmeos são atribuídos nomes específicos para eles, como já nos referimos anteriormente. Estes nomes podem ser: NSIMBA, NZUZI, NKOSI, NSUMBO, IMBUNGU, NKEMBI, LWENDO. Os nomes NSIMBA, NKOSI e LWENDU, são nomes atribuídos aos gêmeos que nascem primeiro (mais velhos). Já os nomes NZUZI, NSUMBU, IMBUNGU e NKEMBI, são atribuídos aos gêmeos que nascem por último (menores).

Os nomes NSIMBA e NZUZI podem ser atribuídos tanto como gêmeos do gênero masculino tanto como gênero feminino. Já os nomes NKOSI, NSUMBO e IMBUNGU, são atribuídos somente aos gêmeos de gênero masculino. Os nomes LWENDO e NKEMBI, são apenas atribuídos às meninas.

Chama-se gémeos a dois ou mais irmãos que nascem de uma mesma gestação da mãe, podendo ser idêntico ou não. Os filhos que nascem ou nascidos de partos triplos, quádruplos ou mais, também são chamados de gémeos.

Os irmãos nascidos da mesma gravidez e desenvolvidos a partir a partir de dois óvulos que se foram libertados do ovário simultaneamente e fertilizados na mesma relação sexual, porém, podem ser concebidos de cópulas distintos, mas daquela mesma ovulação dupla. Podem ter ou não o mesmo sexo, se diferencia tanto fisicamente como em sua constituição genética e possuem duas placentas e duas membranas independentes e bem diferenciadas» Na tradição oral do grupo étnico bantu em geral, especificamente bakongo, os filhos que nascem depois de gêmeos, também são atribuídos nomes específicos. Esses nomes podem ser: N'LANDU/ LANDO LUKOMBU e KATUMWA/ LUTUMWA.

Uma criança ou filho que nasce sozinho do ventre da sua mãe (unigênito) é também atribuído um nome específico. O nome que pode ser atribuído para essas situações o nome de N'SUNDA caso este for menina e NSUNDA se for rapaz. O mesmo nome pode ser atribuído a uma criança ou filho que nasce com a posição de cabeça a frente no lugar de pernas (posição contrária), isto é, ao sair no ventre da mãe. Um filho ou

uma filha que nasce quando morre um ou uma parente (familiar de primeiro grau), o dele poderia ser YAMBA ou MAYAMBA no caso de uma menina.

Ainda um filho ou uma filha que nasce depois da mãe dela seja tratada, poderia ser atribuído o nome de LUKAWU/ LUKAWA ou NSUMBU. Por outro lado, os filhos nascidos antes de completar os nove meses no ventre da mãe são atribuídos os nomes de NSULA se forem meninas e NSULUKA caso forem rapazes. O último filho ou filha do ventre da mãe, é atribuído o nome NSUKA/ N'SUKA.

5.1 Fatores de ritos de iniciação

Segundo que afirmavam que se olharmos em retrospectiva para nossa vida -seja individual ou coletiva – certamente recordamos, de forma clara, cerimônias religiosas, familiares, escolares e militares, entre outras, e não guardamos na memória muitos dias. Nas ciências sociais segundo os autores acima referenciados são designados esses eventos como rituais.

A recepção de visitas, o alembamento (casamento), as festas de natal, o cortejo fúnebre, o juramento da bandeira, a entrega de diplomas, o batismo é alguns exemplos concretos de rituais. Os ritos são as cerimônias que são realizadas na passagem de uma etapa de vida para a outra. Eles variam consoante a cultura, crenças em que crescemos. Existem variadíssimos processos de ritual no grupo étnico bakongo no qual centramos a nossa investigação. Muitos deles ainda não foram descobertos e nem são estudados para serem descobertos.

As sociedades que se organizavam sobretudo na base de diferentes gerações que se formavam a partir de grupos de iniciação, as tradições orais em todos os domínios, eram classificadas no ritmo da organização destes momentos de iniciação, onde os iniciados ao saírem do acampamento (lugar que em língua kikongo chama-se **longo**), onde era organizada o processo de iniciação cujo ato da sua concretização era a circuncisão; os jovens iniciados regressavam a aldeia de origem, após serem submetidos a duros testes com um estatuto de cidadão adulto na sua sociedade ou comunidade com novo nome.

Longo (instituição) é um acampamento reservado apenas para os jovens do sexo masculino. «A missão principal deste acampamento é introduzir os jovens no mundo dos segredos dos homens e dos adultos, cuja primeira fase começa com o corte de prepúcio a

sangue frio. Após serem submetidos a duros testes de resistência, de virilidade, e de velocidade, os jovens regressam ao convívio familiar com festas efusivas.

Nesta circunstância, o ritual de iniciação é um dos factores fundamentais para a atribuição do nome na tradição oral. Os nomes que eram atribuídos aos jovens iniciados são: KAKYALA, KAMBALA, KASWANA, KAMPANZU, KAMAKENGU, KALUTUMBA, KALUVUMBU, KANDUNGU, KAMAKENGU, KALUKOKI, KABINZI, KAMATA, KAMAKASU, KAMAHANGIDI, KANZAZI, KAMADIDIDI, KAILOMBUSI, KANSANGU, KAMWANA.

No acampamento (Longo ou Nkanda) onde decorre o processo de iniciação cujo seu ato concretiza-se pelo processo de circuncisão, o primeiro indivíduo a ser circuncidado recebe o nome de KAKYALA. O segundo recebe o nome de KAMAKENGU e depois segue-se os demais. O último a ser circuncidado será atribuído o nome de KAMBALA. Este será o líder ou o chefe de todos que será coadjuvado por KAKYALA.

Em função de número de participantes de acampamento, os nomes podem ser atribuídos a três ou quatro pessoas com o mesmo nome, excetuando os nomes de KAMBALA, KAKYALA e KAMAKENGU. Num acampamento de processo de circuncisão o comandante em chefe é atribuído o nome de KAMBALA que será coadjuvado por KAMBALA como já nos referimos anteriormente. Depois seguem-se o KAMAKENGU que é o terceiro homem forte do acampamento.

Na ausência do KAMBALA, o KAKYALA tomará o acampamento; por sua vez, este ausente, KAMAKENGU toma a posição de líder do acampamento. De cá para trás já nos referimos que é a partir do nome que cada indivíduo será identificado no sentido da sua capacidade ou da sua posição (ocupação) social naquela comunidade.

O KABINZI é o nome forte encarregado na recepção dos alimentos (homem da logística). Já o KAILOMBUSI é o homem forte na distribuição dos alimentos. Os nomes KALUKOKI, KANSANGU e KASWANA são nomes atribuídos aos menores de estrato social do acampamento.

O KASWANA é o nome atribuído ao mais novo humilde e calmo na sua forma de actuação. Já o KANDUNGU, é o nome atribuído ao jovem mais inteligente do acampamento. Finalmente o nome de KANZASI, é o nome atribuído ao jovem mais chato, teimoso e irrequieto de todo o acampamento. Especificamos que os tratamentos de

respeitável foram empregues, não devido pela idade da pessoa humana, mas pelo sentido afectivo.

Na visão de Ribas (2014) Em muitas áreas de Angola caso particular das Lundas, usam-se o prefixo «ka» como diminutivo. Mas o prefixo «ka» na cultura dos Bakongo, é usado para atribuir título nobre à pessoa humana, por isso, na maior parte dos casos essas pessoas acabaram de receber o prenome de *Ka* + O Nome. É o caso de:

Ka+MBALA=KAMBALA (senhor MBALA).

Ka+ LUKOKI;

Ka+ NSANGU;

Ka+ SWANA (esses três últimos são nomes atribuídos aos menores de estrato social do acampamento de processo de iniciação).

Geralmente os nomes das aldeias, sítios ou lugares são atribuídos nomes dos seus fundadores. Para designar sítio, lugar ou localidades, muitas vezes, utilizam-se o prefixo «ka». Portanto neste sentido, a vogal «a» do «ka», é substituída por vogal «i», juntando-se ao nome do fundador, como podemos observar os exemplos a baixo descritos:

Ki+Mpemba=Kimpemba;

Ki+David=Kidavidi;

Ki+Ndoki=Kindoki;

Ki+Manuel=Kimanuel;

Ki+Vinti=Kivinti;

Ki+dezasseis=Kidezasseis.

Contrariamente da língua portuguesa que apresenta estrutura justaposta, outras línguas, contudo, apresentam estrutura aglutinante, como é o caso da língua indígena *kikongo*, isto por que o *kikongo* aglutina o elemento modificador no radical (ki+João=Kijoão) e nos casos em que o topônimo é composto por dois termos (Kiteka Panzo), em todos os casos, não se emprega a preposição, opondo-se do que acontece em português em alguns casos. Tomemos como exemplos:

a) *Mono ngyele ku nzo ya Pedro*; (eu vou a casa do Pedro);

b) *Mono ngyele ku kipedro*; (eu vou ao Kipedro)

c) *Mono ngyele ku nzu ya Ka Mbala*; (eu vou a casa do senhor Mbala);

d) *Mono ngyele ku Kimbala*; (eu vou ao Kimbala);

Ocorre nas situações em que o nome (antropônimo) do fundador ou da autoridade máxima de uma dada aldeia passa a denominação do poder local, do lugar ou do endereço deste poder topônimo, recorre-se aos processos morfológicos derivacionais que atuam pela combinação do prefixo «*ki*» - com o radical, neste contexto o antropônimo/nome. Isso porque o *kikongo* é uma língua de prefixação (como o são quase todas as línguas bantu (QUIALA, 2013).

Nestas duas frases, as palavras Pedro e *Kipedro* são unidades lexicais que se opõem uma a outra, isso explica-se pelo fato de a palavra Pedro exprimir um antropônimo em quanto que a palavra *kipedro* exprime um topônimo. Cada comunidade linguística consome, transforma e cria palavras, pelo que o léxico de cada língua, longe de constituir um fundo estático, pode antes ser concebido como uma base de dados em atualização permanente” (DUARTE, 2000, p.83). Em *kikongo* não se considera que um nome pode ser “adequado” para “etiquetar” uma pessoa ou um lugar, servindo a mesma designação para ambos, talvez ser meramente uma convenção social.

5.2 Fatores de família

Para atribuímos um nome a alguém, é importante conhecer as causas que deram a origem do clã ou até da família. O mesmo acontece ou pode acontecer com um bairro ou uma aldeia, fazenda ou sítios históricos. Os nomes considerados de fatores familiares são aqueles a serem atribuídos às novas gerações e que já existiram a pessoas ligadas ao clã ou tribos. Isto é, nomes dos tios, mães, pais e avôs que estiveram na base da existência ou origem do clã, tribo ou família em que o individuo pertencem.

É o que podemos notar na consagração de padres, bispos, na canonização de entidades e sítios eclesiásticos, optam os nomes de santos daquela doutrina. Portanto, o nome é uma das maiores heranças da família, clã, tribo ou até do país que as comunidades ou pessoas de forma singular podem herdar das suas famílias. Entretanto, é daí que, nós já nos referimos a um pouco para trás que os nomes próprios (topônimos e antropônimos) têm vida, porque eles nascem, crescem, envelhecem e podem morrer se não se cuidar deles.

Considerações finais

O **nome** é o elemento mais notório e universal de identificação do indivíduo. Por isso, ao atribuirmos o nome devemos em primeiro lugar, refletir os padrões normativos de cada povo ou cultura. É preocupação de todos nós quisermos descobrir quem somos nós e de onde viemos tratasse de uma preocupação válida, porque é através deste questionamento que descobrimos a nossa autoestima e a nossa história pessoal, consolidamos o direito de mantermos a nossa identidade e a nossa cultura e, sobretudo, afirmamos a nossa autoestima. Em muitos casos nos questionamos porque tenho este nome e não outro?

De onde veio este nome e porque me foi atribuído? As respostas podemos encontrá-las a nossa volta, pois herdamos fatores culturais e da família ou da sociedade em que vivemos. Estes fatores que fazem de cada um de nós um ser humano único. Podemos saber a origem ou o significado do nosso nome e a sua devida explicação. Para o fazermos, devemos sempre conversar com os mais velhos para nos explicarem o significado deste ou daquele nome. Cada povo tem as suas características próprias, produto de um processo histórico adquirido no seio da família.

Angola não foge a regra, pois as comunidades que formam a sua sociedade são constituídas por pessoas de diferentes culturas e famílias, diferentes passados e origens, crenças ou religiões, hábitos e costumes, línguas e estilos de vida muito diferentes.

Nesta óptica atribuir nome de origem ou cultura diferente é, sem dúvida ignorar a sua própria cultura. Portanto, não há razão que nos podem levar a mudar ou optar de um nome que não tem nada a ver com a nossa realidade, a nossa origem ou até mesmo da nossa identidade cultural.

Referências

- Altuna, R. R. de A. (2006) *Cultura Tradicional Bantu*. Int. Mess. Pia. Soc. Filhos de S. Paulo-Angola.
- Duarte, I. (200). *Língua Portuguesa, Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Haidt, R. C. C.(2002). *Curso de didáctica geral*. São Paulo: Editora Ática.
- Kundongende, J. da C. (2012). *Crise e resgate dos valores morais, cívico e culturais na sociedade Angolana*. Copyreght. Huambo-Angola.

Literatura Africana de Expressão Portuguesa.(1976). 7ª Classe. Luanda: Ministério da Educação e Cultura.

Kamabaya, M. (2014). *O Renascimento da Personalidade*. Luanda: Arlindo Isabel.

Mudiambo, Q. (2014) *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (Aplicada) ao Ensino da Língua Portuguesa*. Lisboa: Fernando Mão de Ferro.

Mattoso, A.(2003). *Dicionário da Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Quarteto Editora.

Neto, A. (2009) *Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores angolana.

Nsiangani, P.; Santos, R.; Helena, K. B.; Gouveia, V. (2012). *Manual de História de 5ª Classe. Reforma Educativa*. Luanda: António João, Lda.

Quivuna, M. (2014). *Lexicologia aplicada ao ensino do léxico em português língua não materna*. Lisboa: Fernando Mão de Ferro.

Quiala, M. (2013). *Longoka Kikongo-Aprenda kikongo*. Luanda: Mayamba.

Ribas, O. (2014). *Missosso I*. Seabra: Mercado de Letras.

TRIGO, S.(1977). *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*, Vol. I, Porto: Breasil.

Zassala, C. (2017). *Iniciação à Pesquisa Científica*. 4.ed. Luanda: Mayamba.

Submetido em: 14/02/2021

Aceito em: 15/04/2021

Para citar este texto (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David; AFONSO, Makikadila. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras, São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.103-119, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): Ndombele, Eduardo David; Afonso, Makikadila. (2021, jan./jun.). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(1): 103-119.